

O Espelho, de Machado de Assis

Fonte:

ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística

(<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/literat.html>)

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

O espelho

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e

eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

- Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjectura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração.*" Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia,

fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou

comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah ! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

- Matá-lo?

- Antes assim fosse.

- Coisa pior?

- Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula *tic-tac*,

tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: *Never, for ever! - For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: - *Never, for ever! - For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. *Soeur Anne, soeur Anne...* Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

- Mas não comia?

- Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

- Na verdade, era de enlouquecer.

- Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

- Diga.

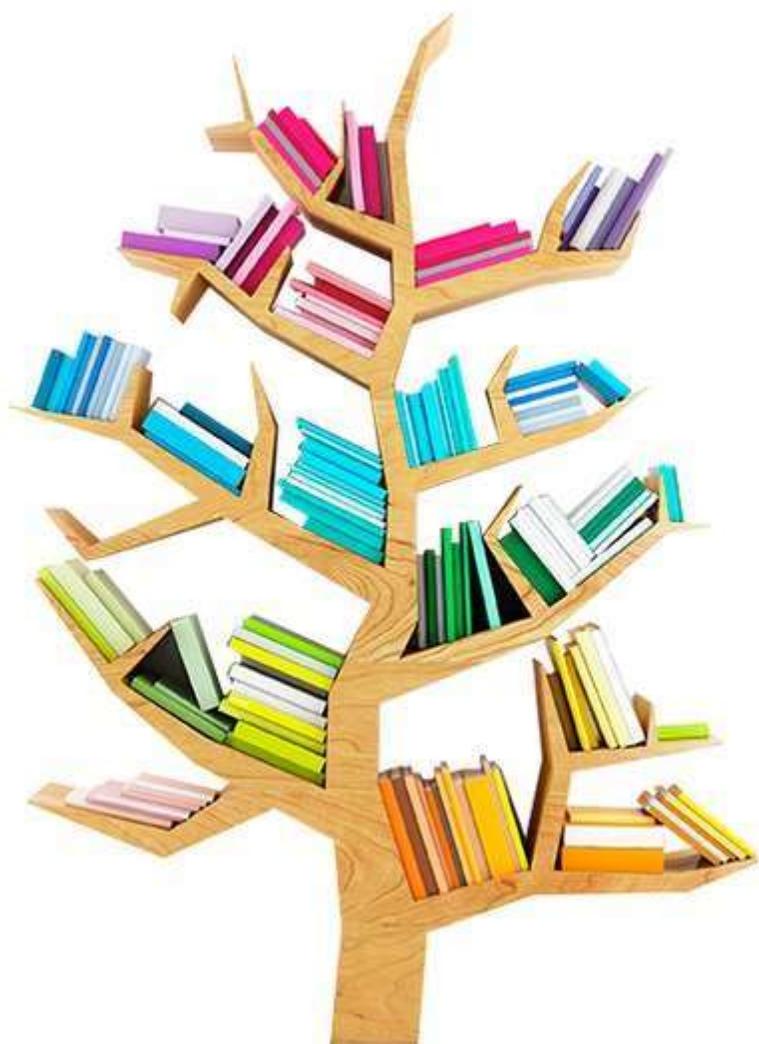
- Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

- Mas, diga, diga.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

FIM



VAMOS CRIAR UM DIÁRIO DE
LEITURA?

Após a leitura do conto “O espelho”, de Machado de Assis, leia as instruções de como elaborar um diário de leitura e crie um sobre o conto. Isso o(a) ajudará a lembrar das informações/conhecimentos adquiridos ao longo da leitura, além disso será fácil recuperar as informações em outro momento.

Crie este hábito, pois irá ajudá-lo(la) a fixar melhor as ideias debatidas nos textos lidos!

**INSTRUÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO
DIÁRIO DE LEITURA¹**

1. Observe o título do texto e registre no seu diário:

- Suas impressões: gostou ou não? Tem vontade de ler?
- Que tipo de texto espera encontrar? Sobre o que você acha que o texto trata?

2. Antes de iniciar a leitura, observe todas as informações – (verbais ou não verbais) – que podem ajudá-lo a melhor compreender o texto: a última capa, a orelha, as notas sobre o autor, a bibliografia (se houver), o índice, as indicações bibliográficas etc. Anote tudo o que você julgar importante e as ideias que você já for tendo a respeito do texto a ser lido.

3. À medida que você for lendo, vá registrando (sempre com frases completas):

a) as relações que você puder ir estabelecendo entre os conteúdos do texto e qualquer outro tipo de conhecimento que você já tenha:

- livros ou textos que você leu;
- aulas;
- músicas;
- filmes;
- páginas de Internet;
- sua experiência de vida, etc.

b) as contribuições que julga que o texto está trazendo para:

- qualquer tipo de aprendizado que ele lhe traga;
- o desenvolvimento de sua prática de leitura;
- o desenvolvimento de produção de textos;
- sua futura profissão;
- alguma pesquisa que tem de fazer;
- algum trabalho que você vai realizar;
- sua vida pessoal.

c) suas opiniões sobre o texto, sobre sua forma e seu conteúdo,

- vá discutindo as ideias do autor:
 - concordando ou discordando;
 - levantando dúvidas;
 - pedindo exemplos.
- vá registrando as dificuldades de leitura que você encontrar e anotando os trechos que não compreender ou aqueles de que você mais gostar;
- vá sintetizando as ideias que o autor coloca como mais importantes, as teses centrais e os argumentos que defende.

4. Sempre retire partes do texto e justifique suas opiniões!

Os trechos do texto devem ser anotados com referências bibliográficas completas (inclusive página), para permitir que você possa encontrar o trecho novamente.

5. É um texto que apenas você vai ler. Sinta-se livre para escrever o que quiser.

¹ Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/28196/mod_resource/content/1/Consignes_journal_lecture.pdf

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O lema da tropa

O destemido tenente, no seu primeiro dia como comandante de uma fração de tropa, vendo que alguns de seus combatentes apresentavam medo e angústia diante da barbárie da guerra, gritou, com firmeza, para inspirar seus homens a enfrentarem o grupamento inimigo que se aproximava:

– *Ou mato ou morro!*

Ditas essas palavras, metade de seus homens fugiu para o mato e outra metade fugiu para o morro.

1. (Eear 2019) No texto acima, considerando os aspectos morfológicos da Língua Portuguesa, a construção do humor se efetua, principalmente, pela
 - a) falta de capacidade linguística dos combatentes que, ao confundirem as palavras do tenente, no contexto, atribuíram valores de advérbios aos verbos pronunciados pelo tenente.
 - b) ausência de interpretação plausível por parte dos combatentes que, ao ouvirem as palavras, confundem suas classes gramaticais, atribuindo a elas valores inadmissíveis na Língua Portuguesa.
 - c) capacidade que os combatentes tiveram de interpretar as palavras pronunciadas, confundindo verbos com substantivos, justificando, com isso, a vasta flexibilidade de sentidos de uma língua em sua situação de uso.
 - d) capacidade de os combatentes trocarem, propositalmente, as classes morfológicas das palavras pronunciadas pelo tenente, justificando o medo deles e a rigidez de significados e inflexibilidade de sentidos de tais palavras.

2. (Ufu 2018) Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema. Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

Tomada, isoladamente, a proposição “Tentam proteger a sociedade dele” poderia ser considerada ambígua. Para explicitar o sentido que essa oração assume no contexto em que foi empregada, a expressão “a sociedade dele” deve ser substituída por

- a) a sociedade contra ele.
- b) a sociedade para ele.
- c) a sociedade com ele.
- d) a sua sociedade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia este texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Saudade de escrever

Apesar da concorrência (internet, celular), a carta continua firme e forte. Basta uma folha de papel, selo, caneta e envelope para que uma pessoa do Rio Grande do Norte, por exemplo, fique por dentro das fofocas registradas por um amigo em São Paulo, dois dias depois. “Adoro receber cartas, fico super ansiosa para descobrir o que está escrito”, conta Lívia Maria, de 9 anos. Mas ela admite que faz tempo que não escreve nenhuma cartinha. “As últimas foram para a Angélica e para um dos programas do Gugu.”

Isabela, de 9 anos, lembra que, quando morava em Curitiba, no Paraná, trocava correspondência com sua amiga Raquel, que vive em Belo Horizonte, Minas Gerais. “Eu ficava sabendo das novidades e não gastava dinheiro com telefonemas.”

Já Amanda, de 10 anos, também gosta de receber cartinhas, mas prefere enviar e-mails. “Atualmente estou conversando com meu primo que está nos Estados Unidos via computador, já que a mensagem chega mais rápido e não pago interurbano.”

TOURRUCCO, Juliana. Saudade de escrever. *O Estado de São Paulo*, p.5, 25 jul.1998. Suplemento infantil.

3. (G1 - ifal 2018) O adjunto adverbial vem, normalmente, no final da frase, mas ele pode aparecer em outra posição, basta que se indique esse deslocamento com a vírgula. A colocação inadequada do adjunto adverbial, porém, poderá prejudicar a compreensão da frase. É o que acontece na fala da Amanda, no texto. Das cinco reestruturações apresentadas nas alternativas a seguir, uma continua com problema. Marque-a.
 - a) Atualmente, via computador, estou conversando com meu primo que está nos Estados Unidos.
 - b) Atualmente estou, via computador, conversando com meu primo que está nos Estados Unidos.
 - c) Atualmente estou conversando, via computador, com meu primo que está nos Estados Unidos.
 - d) Atualmente estou conversando com meu primo, via computador, que está nos Estados Unidos.
 - e) Via computador, atualmente estou conversando com meu primo que está nos Estados Unidos.

4. (Ufrgs 2019) Leia trechos dos poemas “Fanatismo”, de Florbela Espanca, e “Imagem”, de Cecília Meireles.

Fanatismo

(...)
“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...”

Imagem

Tão brando é o movimento
das estrelas, da lua,
das nuvens e do vento,
que se desenha a tua
face no firmamento.

Desenha-se tão pura
como nunca a tiveste,
nem nenhuma criatura.
Pois é sombra celeste
da terrena aventura.

(...)

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações sobre os poemas.

- () Ambos os sujeitos líricos comparam o ser amado à perfeição divina.
- () Ambos os sujeitos líricos veem o amor de modo idealizado.
- () Ambos os sujeitos líricos falam diretamente ao ser amado.
- () Ambos os poemas citam diretamente a voz da opinião pública.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – V – V – F.
- b) V – V – F – V.
- c) F – F – V – V.
- d) F – V – F – V.
- e) V – F – V – F.

5. (G1 - cftmg 2019) **Da agonia**

quilombos queimados...
hoje se dança uma alegria tonta
sobre a areia movediça da agonia

cachaça e mentira
enlameiam o terreiro
para o lucro alheio
e o samba bamboleia
meio bêbado
mulatas no picadeiro
showrando
um eterno fevereiro

pura necessidade: nossos ancestrais

vão acendendo seus olhos
nos porões de nossos poros.

CUTI. *Flash crioulo sobre o sangue e o sonho*. Belo Horizonte: Mazza, 1987.

- No contexto do poema, o neologismo “showrando” associa o significado de ‘show’ à ideia de
- a) sofrimento, em uma crítica à espetacularização vazia da cultura negra.
 - b) resistência, em uma alusão à manutenção do regime escravocrata.
 - c) desrespeito, em uma postura contrária ao estado de embriaguez.
 - d) exibicionismo, em uma referência às tradições carnavalescas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.
Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas,
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

6. (Uece 2019) Leia o que se afirma a seguir sobre a voz poética presente nos versos do poema *Mulher Proletária*:

- I. O enunciador do poema apresenta a mulher proletária como um ser subjugado aos ditames da burguesia industrializada.
- II. No poema, a mulher trabalhadora é reificada, sendo vista, assim, não como mãe ou esposa, mas como máquina presa à lógica de produção do sistema burguês capitalista.
- III. Há uma voz no poema que denuncia a depreciação da mulher no mundo do trabalho como pessoa humana, em favor da necessidade de superprodução mercantil, sustentadora das desigualdades sociais.
- IV. Vê-se, no poema, a emergência de uma voz alinhada com a visão de orientação marxista que defende que a sociedade capitalista se ergue na

malbaratada oferta de mão de obra do trabalhador para a indústria mercantil.

Está correto o que se diz em

- I, II, III e IV.
- I, II e III apenas.
- I, II e IV apenas.
- III e IV apenas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque, mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto, ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, de vez em quando os cotovelos se esbarram, ele fala coisas como 'este foi difícil'

'prateou no ar dando rabanadas' e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa, vamos dormir.

Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva.

(PRADO, Adélia. *Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 25.)

7. (G1 - cmrj 2019) O título do poema de Adélia Prado pode ser lido de forma diversa, tendo em vista as experiências do leitor. Nos três primeiros versos, há uma ideia de casamento que se contrapõe a outra, presente nos versos seguintes.

Pode-se dizer que a primeira e a segunda ideias se caracterizam, respectivamente, por

- descontrole e revolta.
- alienação e idealização.
- autoritarismo e desilusão.
- satisfação e instabilidade.
- distanciamento e envolvimento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água.

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio, do que do cheio. Falava que vazios são maiores e até infinitos. [...] Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. [...]

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta! Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

(BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 114.)

8. (G1 - cmrj 2019) De acordo com Ferreira Gullar, "A arte existe, porque a vida não basta".

No poema de Manoel de Barros, mais especificamente no verso "até fez uma pedra dar flor" (v. 24), a relação do poeta com a representação da realidade pode ser entendida como

- cópia.
- negação.
- releitura.
- aceitação.
- detalhamento.

9. (Eear 2019) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do período seguinte:

Mineradora paga multa milionária de um bilhão de reais

A tristeza dos pescadores do Rio Doce refere-se ___ desgraça que ocorreu no local em novembro de 2015. ___ empresa responsável foi aplicada ___ multa. No entanto, esta não foi suficiente para devolver ___ natureza o equilíbrio ambiental aniquilado. Pouco ___ pouco esses pescadores tentam encontrar alternativa sustentável.

- à – À – a – à – a

- b) à – A – a – à – a
- c) a – À – a – à – a
- d) à – A – à – a – à

10. (Espcex (Aman) 2019) Assinale a alternativa correta, quanto ao emprego do acento grave.

- a) As nações juntam-se a Assembleia da ONU, para eliminarem progressivamente os problemas de gestão do serviço.
- b) A Secretaria de Saneamento e as Conferências das Cidades foram criadas com vistas à diminuir as desigualdades de acesso a esse serviço.
- c) Pode-se caminhar alguns passos no sentido de garantir que a essa tarefa alinhe-se a participação social.
- d) A gestão dos serviços deve ser acrescentada uma visão de saneamento básico como direito à cidadania.
- e) O marco legal estabelece que a prestação dos serviços tem como foco à garantia do cumprimento das metas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

*Salve, lindo pendão¹ da esperança,
Salve, símbolo augusto² da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da pátria nos traz.
(trecho do Hino à Bandeira – letra de Olavo Bilac
música de Francisco Braga)*

Glossário:

¹ Pendão – bandeira, flâmula

² Augusto – nobre

11. (Eear 2019) No fragmento do texto “*Tua nobre presença à lembrança A grandeza da pátria nos traz*”, ocorre crase

- a) por haver um verbo, embora posposto, que reclama a preposição “a”.
- b) por conta da presença da preposição “traz” que reclama a ocorrência de crase.
- c) para evitar a ambiguidade gerada pela inversão dos versos, tratando-se de uso de acento diferencial.
- d) para que o leitor reconheça o sujeito “à lembrança”, por meio do acento grave em seu adjunto adnominal “a”.

12. (Espcex (Aman) 2019) Analise as duas frases abaixo:

- I. Os ladrões estão roubando! Prendam-nos!
- II. Somos os assaltantes! Prendam-nos!

Assinale a alternativa cuja descrição gramatical dos termos sublinhados está correta.

- a) Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural.
- b) Ambos são pronomes pessoais oblíquos referentes à 1ª pessoa do plural.
- c) Em I, “nos” é pronome reto da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome reto da 1ª pessoa do plural.
- d) Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.
- e) Ambos são pronomes pessoais retos referentes à 1ª pessoa do plural.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

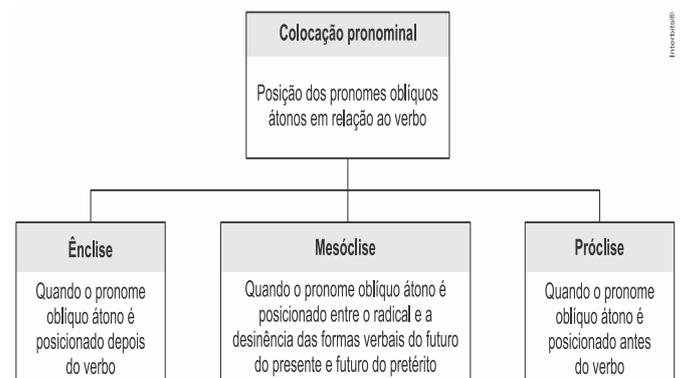
Leia a música de Marcelo Jeneci e responda à(s) questão(ões).

Dar-te-ei

[...] Não te darei papéis, não te darei, esses rasgam, esses borram
Não te darei discos, não, eles repetem, eles arranham
Não te darei casacos, não te darei, nem essas coisas que te resguardam e que se vão
Dar-te-ei finalmente os beijos meus
Deixarei que esses lábios sejam meus, sejam teus
Esses embalam, esses secam, mas esses ficam.
Não te darei bombons, não te darei, eles acabam, eles derretem
Não te darei festas, não te darei, elas terminam, elas choram, elas se vão [...]

<<https://tinyurl.com/ybf22rpl>> Acesso em: 10.11.2017.

13. (G1 - cps 2018) Há, nessa música, uma construção gramatical chamada de *mesóclise* – “dar-te-ei” – de pouco uso na linguagem escrita e quase extinto o uso na falada. Essa construção, chamada de colocação pronominal, é uma das três posições possíveis – de acordo com a gramática normativa.



Baseando-se no que foi apresentado, assinale a alternativa que apresenta uma relação correta – de acordo com a gramática normativa – entre colocação pronominal e o seu uso na frase.

- a) Próclise – “Faça-me o favor de não atrasar para nosso encontro!”
- b) Ênclise – “Não te darei discos, não, eles repetem.”
- c) Ênclise – “Importava-se com o sucesso da prova.”
- d) Mesóclise – “A música? Cantá-la-rei quando souber a letra.”
- e) Mesóclise – “Alguém me procurou?”

GABARITO

Resposta da questão 1:

[C]

- [A] Incorreto. A intenção do enunciador foi mencionar verbos; os combatentes, no entanto, compreenderam os termos como se fossem substantivos.
- [B] Incorreto. Os valores interpretados pelos combatentes são plausíveis na Língua Portuguesa, a ponto de compreenderem os verbos como se fossem substantivos.
- [C] Correto. A ambiguidade gerada na situação retratada demonstra que a língua apresenta flexibilidade, a ponto de os mesmos termos serem verbos para o enunciador e substantivos para os destinatários.
- [D] Incorreto. A troca não foi proposital; mesmo que fosse, tal ambiguidade indica a flexibilidade de significados e sentidos dos termos.

Resposta da questão 2:

[A]

A proposição em destaque pode significar tanto que tentam proteger a sociedade pertencente a ele quanto que a sociedade é protegida dele, ou seja, que ele representaria uma ameaça a ela. Dentro do contexto, vemos que a proposição “tentam proteger a sociedade dele” refere-se ao fato de que o homem que vive na periferia é tomado como perigoso à sociedade e posto atrás das grades pelo sistema. Dessa forma, tentariam deixar a sociedade protegida contra ele.

Resposta da questão 3:

[D]

Em [D], ao deslocar o adjunto "via computador" para antes da explicação "que está nos Estados Unidos", cria-se uma má interpretação, já que a oração "que está nos Estados Unidos" deixa de se referir ao "primo" e passa a se referir ao "computador".

Resposta da questão 4:

[A]

Apenas em “Fanatismo”, o verso assinalado entre aspas, “Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”, transmite o discurso alheio da opinião pública, estabelecendo o contraditório com o que pensa e sente o eu-lírico, desmentindo a última afirmação. Como as demais são verdadeiras, é correta a opção [A].

Resposta da questão 5:

[A]

O neologismo “showrando” faz alusão à palavra “chorando”, associado o significado de “show” à ideia de sofrimento, em uma crítica à espetacularização vazia da cultura negra.

Resposta da questão 6:

[A]

Todas as afirmações estão corretas. O eu lírico, ao falar da “mulher proletária”, critica sua depreciação e posição subalterna no universo burguês industrial. Ele busca revelar seu lado humano, oposto ao lado mercantil e mecanizado imposto pelo mundo do trabalho. Alinha-se, portanto, à visão marxista que enxerga na sociedade capitalista um sustento na exploração do trabalhador.

Resposta da questão 7:

[E]

Nos três primeiros versos, o eu lírico traça a ideia de um casamento em que homem e mulher permanecem distantes: a mulher diz que o homem pode pescar, mas deve, sozinho, limpar o peixe. Nos versos seguintes, no entanto, o eu lírico apresenta uma nova ideia de casamento, caracterizada pela cumplicidade e envolvimento: a mulher, agora, envolve-se na tarefa do marido de limpar os peixes e ambos a realizam num momento de intimidade, que pode servir de metáfora para a relação sexual.

Resposta da questão 8:

[C]

Nesse verso, vemos que o poeta estaria tirando de uma pedra, objeto inanimado, sem graça e sem vida, uma flor, isto é, um ser belo, com vida. Dessa forma, ele faz uma releitura da realidade.

Resposta da questão 9:

[A]

[A] Correto. Em “*A tristeza dos pescadores do Rio Doce refere-se à desgraça que ocorreu no local em novembro de 2015*”, o verbo “referir-se” exige preposição “a”; há acento indicativo de crase pois o termo que o complementa é um substantivo feminino.

Em “*À empresa responsável foi aplicada a multa*”, a locução verbal “foi aplicada” exige preposição “a”; há acento indicativo de crase em seu complemento, uma vez que se trata do substantivo feminino “empresa”. Já em “a multa” não há ocorrência de crase pois é o sujeito da oração. Em “*No entanto, esta não foi suficiente para devolver à natureza o equilíbrio ambiental aniquilado*”, o verbo “devolver” exige preposição “a”; há acento indicativo de crase pois o termo que o complementa é um substantivo feminino.

Finalmente, em “*Pouco a pouco esses pescadores tentam encontrar alternativa sustentável*” não há ocorrência de acento indicativo de crase, pois a expressão é formada por palavras iguais.

Resposta da questão 10:

[C]

- [A] Incorreta. O verbo “juntar-se” é transitivo indireto, obrigando o emprego de acento indicativo de crase, uma vez que seu complemento é o substantivo feminino “Assembleia”: “As nações juntam-se à Assembleia (...)”.
- [B] Incorreta. A expressão “com vistas a” obrigaria o emprego de acento indicativo de crase caso o termo seguinte admitisse a presença de artigo feminino, porém trata-se de um verbo. Segundo a norma culta, “criadas com vistas a diminuir”.
- [C] Correta. O verbo “alinhar-se” é transitivo indireto, obrigando o emprego de acento indicativo de crase, porém seu complemento não admite presença de artigo feminino: “que a essa tarefa alinhe-se a participação social”. Vale ressaltar ainda que “a participação social” é sujeito do verbo, situação em que tampouco admite tal acento.
- [D] Incorreta. A locução verbal “deve ser acrescentada” requer emprego do acento indicativo de crase, de modo que a oração segundo a norma culta seria “À gestão dos serviços deve ser acrescentada uma visão (...)”. Já o substantivo “direito” obriga emprego do acento indicativo de crase tal qual está redigido, uma vez que seu complemento é um substantivo feminino: “direito à cidadania”.
- [E] Incorreta. O substantivo “foco” não requer uso de preposição, portanto a redação correta da expressão é “tem como foco a garantia”.

Resposta da questão 11:

[A]

- [A] Correto. O verbo “trazer”, posposto, exige a preposição “a”; logo, seu complemento apresenta acento indicativo de crase por fundir preposição e artigo feminino.
- [B] Incorreto. “Traz” é a forma conjugada do verbo “trazer”.
- [C] Incorreto. O acento indicativo de crase tem emprego obrigatório no contexto.
- [D] Incorreto. Segundo a norma culta, sujeito não pode ser acompanhado de acento indicativo de crase, uma vez que não apresenta preposição.

Resposta da questão 12:

[D]

- [A] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[B] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[C] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[D] Correto.

[E] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

Resposta da questão 13:

[C]

- [A] Incorreta: em “faça-me” o pronome está depois do verbo e, portanto, temos o uso da ênclise.
- [B] Incorreta: em “te darei” o pronome está antes do verbo e, portanto, temos o uso da próclise.
- [D] Incorreta: a forma correta seria “cantá-la-ei”.
- [E] Incorreta: em “me procurou”, o pronome está antes do verbo e, portanto, temos o uso da próclise.

**QUESTÕES E GABARITOS
DISPONÍVEIS EM: SUPER
PROFESSOR -**

<https://www.sprweb.com.br>



O ENEM pretende avaliar, por meio da produção de um texto, a interpretação e o posicionamento crítico do candidato na resolução da proposta de redação. Para isso, exige que o texto, de modalidade dissertativa-argumentativa, aborde cinco competências específicas, listadas a seguir:

1. Domínio da **modalidade escrita formal** da língua portuguesa;
2. Estruturação do texto no tipo **dissertativo-argumentativo**;
3. Seleção, relação, organização e interpretação adequada de fatos, opiniões e argumentos para a defesa de um **ponto de vista**;
4. Conhecimento dos mecanismos linguísticos que dizem respeito à **coesão textual**, como o uso de sinônimos, relações anafóricas etc.
5. Elaboração de uma **proposta de intervenção** exequível e que respeite os direitos humanos.

TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

ESTRUTURAÇÃO DE PARÁGRAFOS

Educação e o Homem

Juvenal Arduini

A educação é um fenômeno ambíguo. Não basta que exista educação para que um povo tenha seu destino garantido. É preciso determinar o teor educacional para que se saiba em que está caminhando ou deixando de caminhar uma nação. A cultura atual explicitou a consciência dessa ambiguidade e trava a luta não só a favor da educação, mas, sobretudo a favor de um tipo específico de educação.

Com efeito, a educação pode provocar a revolução libertadora do homem, como pode alimentar a sua alienação. Muitos estruturam a educação apenas como forma de controle social, outros a organizam como instrumento de transformação social. Tanto pode ser usada para adormecer os espíritos e as consciências como para desencadear forças explosivas.

Precisamente porque a educação carrega tantas possibilidades é que se nota atualmente uma luta intensa para dominar os polos da decisão educacional. Sabe-se que uma decisão educacional poderá converter-se numa decisão histórica para um povo. E aquilo que foi utilizado para desumanizar o homem poderá ser utilizado para libertá-lo. Por isso, em torno da educação, amontoam-se preocupações e esperanças. Preocupações daqueles que têm medo de perder um mundo que os gerou e favoreceu.

Esperanças daqueles que desejam dizer adeus ao mundo que os rejeitou e oprime.

Diante dessa ambiguidade, é preciso, portanto, optar pelo verdadeiro tipo de educação que se deve levar ao povo. É necessário rejeitar-se a educação como técnica de anestésiar o homem, de subordiná-lo, de colonizá-lo. É necessário buscar a pedagogia da libertação, como estratégia do desenvolvimento, que acorde o homem, que lhe movimente as energias, lhe descative a história, lhe confira instrumentos técnicos e modernos (ARDUINI, 1972, p. 117-124 apud SILVA, 2008, p. 41).

ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Vejamos como o texto “A educação e o homem” foi organizado, planejado:

Tema do texto: A educação e o homem

Delimitação do tema: A ambiguidade da educação e a necessidade de definição de um tipo específico de educação.

Objetivo do texto: demonstrar a ambiguidade da Educação e afirmar a necessidade de definir uma educação realmente libertadora.

O PARÁGRAFO COMO UNIDADE DE COMPOSIÇÃO

Neste tópico, algumas informações foram fichadas/annotadas do seguinte livro: GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

1) Parágrafo

“O parágrafo é uma unidade de composição, constituída por um ou mais períodos, em que se desenvolve ou explana determinada ideia central, a que geralmente se agregam outras, secundárias, mas intimamente relacionadas pelo sentido” (GARCIA, 2010, p. 219).

2) Importância do parágrafo

“O parágrafo facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as ideias principais de sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios” (GARCIA, 2010, p. 220).

3) A delimitação do assunto

Quem escreve, geralmente delimita o assunto, tornando-o menos generalizado; trabalha o assunto de forma a fazer com que as ideias passem por um funil.

Usemos como exemplo o texto **A Educação e o Homem**.

Educação

| |
|--|
| A Educação e o Homem |
| A ambiguidade da educação |
| O interesse pelo domínio dos polos da educação |
| A necessidade de definição de um tipo específico de educação |

A delimitação do assunto é necessária para que se possa controlá-lo com mais facilidade. Se vamos escrever sobre “Educação”, muitas ideias poderão surgir (“chuva de ideias”). E se não temos o controle dessas ideias, elas se amontoarão sem nenhum encadeamento.

4) A fixação do objetivo

Delimitando o assunto, torna-se fácil fixar o objetivo que deve orientar o que será escrito. A fixação do objetivo facilita a seleção das ideias, a sua ordenação. Determinar para que se vai escrever sobre determinado assunto, com que finalidade, para atingir quais objetivos. É uma etapa indispensável no planejamento do ato de escrever. (Disponível em: http://livrozilla.com/doc/449093/aula-1_disserta%C3%A7%C3%A3o)

Por exemplo, o autor do texto **A Educação e o Homem** orientou-se, ao escrever, por um objetivo selecionado entre diversos.

Escolheu mostrar a ambiguidade no sistema de Educação e afirmar a necessidade de definir uma educação que seja realmente libertadora.

5) A formulação do tópico frasal

Depois que o assunto foi delimitado, depois que o objetivo que deverá orientar o parágrafo foi especificado, pode-se começar a escrever. É importante redigir, em primeiro lugar, uma ou mais frases que traduzam o objetivo escolhido. Essa ou essas frases iniciadas são o que se pode chamar de frase-núcleo.

No 1º parágrafo do texto “A Educação e o Homem”, o autor utiliza uma frase para traduzir a delimitação escolhida: “A educação é um fenômeno ambíguo”.

Como se explica a função ou papel da frase-núcleo?

“A frase-núcleo mantém o parágrafo nos limites do objetivo fixado, isto é, serve de instrumento para garantir que, ao escrever, a pessoa não se afastará do objetivo fixado. Frequentemente abre o texto. Introduz o assunto no texto. É uma oração, ou um conjunto de orações, que apresenta um quadro geral daquilo que será desenvolvido. É também importante para orientar aquele que vai ler a redação: ela indica ao leitor como foi delimitado o assunto e que objetivo dirige seu desenvolvimento”. (Disponível em:

<http://auladeportuguesdaeeepca.blogspot.com/2016/2/organizacao-do-paragrafo-esta-postagem.html>).

“O tipo textual dissertativo-argumentativo é caracterizado, entre outros elementos, pela existência de argumentos que defendem determinado posicionamento. A estrutura clássica consiste em introdução, desenvolvimento e conclusão” (GONZAGA, 2017, p. 174).

INTRODUÇÃO

“A introdução é a parte do texto que apresenta a proposição, a tese, a ideia central (ponto de vista central) a ser desenvolvida” (GONZAGA, 2017, p.174). A tese, que exibe o ponto de vista central do autor do texto sobre o tema da redação, deve ser defendida em todos os parágrafos do texto.

Vejamos algumas dicas de como introduzir um texto dissertativo-argumentativo:

1. **Uma declaração: (tema: violência contra a mulher)**

“A violência contra as mulheres é recorrente no Brasil. Estas sofrem agressões em diferentes âmbitos da sociedade e são, muitas vezes, tratadas com inferioridade em diversos aspectos. Desse modo, a atual conjuntura deve ser modificada a fim de sanar tal desigualdade e promover o estabelecimento pleno dos direitos femininos”.

A declaração é a forma mais comum de começar um texto. Procure fazer uma declaração forte, **capaz de surpreender o leitor**.

2. **Definição: (tema: violência contra a mulher)**

“Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa. No Brasil, tal comportamento está agregado ao fator gênero feminino. Nesse sentido, é preciso maior fiscalização das leis sancionadas e promover uma mudança cultural em relação ao papel da mulher na sociedade”.

A definição é uma forma simples e muito usada em parágrafos-chaves, sobretudo em textos dissertativos.

3. **Alusão histórica (tema: escravidão moderna)**

“A escravidão foi abolida, no Brasil, em 1888, através da Lei Áurea. No entanto, o que se observa, em pleno século XXI, é uma permanência de interesses escravocratas, a exemplo de empresas têxteis que utilizam mão de obra semiescrava de imigrantes”.

O conhecimento dos principais fatos históricos ajuda a iniciar um texto. O leitor é situado no tempo e pode ter uma melhor dimensão do problema.

4. Citação (tema: Publicidade infantil em questão no Brasil)

“O ornamento da vida está na forma como um país trata suas crianças”. A frase do sociólogo Gilberto Freyre deixa nítida a relação de cuidado que uma nação deve ter com as questões referentes à infância. Dessa forma, é válido analisar a maneira como o excesso de publicidade infantil pode contribuir negativamente para o desenvolvimento dos pequenos e do Brasil.

A citação inicial facilita a continuidade do texto, pois ela é retomada pela palavra comentário do segundo período.

A FORMULAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

“O desenvolvimento consiste na argumentação, no desenrolar da ideia central apresentada” (GONZAGA, 2017, p. 174). Vejamos que na construção textual, faz-se necessário pensarmos em fases/etapas:



(GONZAGA, 2017, p. 180)

O desenvolvimento das ideias implica não só em seleção de aspectos ou detalhes, **mas também em ordenação desses aspectos ou detalhes**. Faz-se necessário construir um plano de desenvolvimento, pois evitará a inclusão de aspectos ou detalhes desnecessários ou incoerentes com a temática. Para a construção desse plano, “há vários tipos de argumentos que podem ser utilizados na organização de cada parágrafo, no entanto todos devem ser relevantes para o ponto de vista a ser defendido” (GONZAGA, 2017, p. 175).

- **Argumento de raciocínio lógico:** é aquele que instaura conexões de sentido lógicas, como razão/consequência,

analogia/comparação, causa/efeito, contraste, contra-argumentação, dedução, indução.

- **Argumento de provas concretas:** são dados, estatísticas, gráficos, exemplos, fatos reais, leis, percentuais retirados de pesquisas científicas ou de fontes confiáveis.
- **Argumento de autoridade:** é a citação de um especialista, de uma autoridade em determinada área. (GONZAGA, 2017, p. 175).

Analisando um parágrafo do texto *Educação*, de Juvenal Arduini, podemos verificar essa seleção. Nesse parágrafo tem-se o seguinte planejamento:

Assunto: Educação

Delimitação do assunto: O interesse pelo domínio dos polos da decisão educacional.

Frase-núcleo: “Precisamente porque a educação carrega tantas possibilidades é que se nota atualmente uma luta intensa para dominar os polos de decisão educacional”.

Plano de desenvolvimento das ideias:

- Importância de uma decisão educacional;
- Preocupações e esperanças sobre uma educação libertadora.

De agora em diante, vamos fazer nosso planejamento textual?

EXPOR E ARGUMENTAR

O texto dissertativo-argumentativo vai além da EXPOSIÇÃO organizada das informações. Nele o autor apresenta sua visão crítica do tema, ou seja, vê o assunto como algo polêmico, que gera diferentes versões sobre a "verdade" dos fatos.

Se o tema sobre o **Acordo Ortográfico** fosse uma pergunta, como "O Acordo Ortográfico é essencial para o Brasil?", teríamos uma polêmica e, para desenvolvê-lo, precisaríamos escolher **um lado**, uma **tese**, fazendo uma dissertação argumentativa. Poderíamos usar os dados (exposição) sobre o **Acordo Ortográfico**, como, por exemplo, aspectos legais, as principais mudanças ocorridas na língua, os países afetados por essa reforma, mas o que tornará seu texto em nível argumentativo é você enfatizar os pontos que ajudem na defesa da tese, descartando ou minimizando o peso das informações que não ajudassem nesse propósito. Assim, é possível usar trechos expositivos na dissertação argumentativa, mas é essencial que o aluno saiba qual é o propósito da sua redação: expor fatos, mas também defender um ponto de vista.

Disponível em:

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/expor-ou-argumentar-tenha-em-mente-a-finalidade-de-sua-dissertacao.htm>



COMPREENDENDO MELHOR A NOÇÃO DE TESE

A produção de um texto dissertativo-argumentativo deve basear-se, também, na noção textual de TESE. A tese é a enunciação de um juízo, ou seja, é a declaração básica do ponto de vista defendido pelo autor. Sendo assim, é necessário que a tese seja CLARA quanto ao que afirma ou nega e, ainda, ser argumentável.

- ▶ *“Muitos discutem a crescente violência dos dias atuais como algo exterior e nunca como um movimento que inicia em si mesmo. Isso se dá por conta do individualismo exacerbado vivido hodiernamente e por conta da irreflexão de atos, como o consumo de drogas, que pioram ainda mais a situação”.*
- ▶ Tema – “ator” central do texto - no caso específico, é a violência.
- ▶ A **Tese** é o que se diz do **Tema**, no caso, a **violência como um movimento que começa dentro de cada um**.
- ▶ O autor elabora dois argumentos:
- ▶ 1) o **INDIVIDUALISMO**; e 2) a **IRREFLEXÃO** de atos, como o consumo de drogas.

Sumarizando, a tese define, antes de desenvolver os argumentos, o sentido do ponto de vista defendido, deixando claro o que se pretende com tal ideia: mostrar que..., provar que..., alertar para... etc.

Formulação dos argumentos

Que provas sustentam a tese?

A fase da formulação dos argumentos é a argumentação em sua essência, pois é o momento em que é feita a comprovação da tese defendida utilizando exemplos, explicações e informações FIDEDIGNAS, autênticas, relevantes e adequadas. Vejamos, a seguir, uma redação do Enem que obteve nota 1000, para compreendermos melhor as noções de formulação dos argumentos e provas que sustentam a tese.

REDAÇÃO 1000

Redação de FERNANDA CAROLINA SANTOS TERRA DE DEUS

No filme “Matrix”, clássico do gênero ficção científica, o protagonista Neo é confrontado pela descoberta de que o mundo em que vive é, na realidade, uma ilusão construída a fim de manipular o comportamento dos seres humanos, que, imersos em máquinas que mantêm seus corpos sob controle, são explorados por um sistema distópico dominado pela tecnologia. Embora seja uma obra ficcional, o filme apresenta características que se assemelham ao atual contexto brasileiro, pois, assim como na obra, os

mecanismos tecnológicos têm contribuído para a alienação dos cidadãos, sujeitando-os aos filtros de informações impostos pela mídia, o que influencia negativamente seus padrões de consumo e sua autonomia intelectual.

Em princípio, cabe analisar o papel da internet no controle do comportamento sob a perspectiva do sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman. Segundo o autor, o crescente desenvolvimento tecnológico, aliado ao incentivo ao consumo desenfreado, resulta numa sociedade que anseia constantemente por produtos novos e por informações atualizadas. Nesse contexto, possibilita-se a ascensão, no meio virtual, de empresas que se utilizam de algoritmos programados para selecionar o conteúdo a ser exibido aos internautas com base em seu perfil socioeconômico, oferecendo anúncios de produtos e de serviços condizentes com suas recentes pesquisas em sites de busca ou de compras. Verifica-se, portanto, o impacto da mídia virtual na criação de necessidades que fomentam o consumo entre os cidadãos.

Ademais, a influência do meio virtual atinge também o âmbito intelectual. Isso ocorre na medida em que, ao ter acesso apenas ao conteúdo previamente selecionado de acordo com seu perfil na internet, o indivíduo perde contato com pontos de vista que divergem do seu, o que compromete significativamente a construção de seu senso crítico e de sua capacidade de diálogo. Dessa maneira, surge uma massa de internautas alienados e despreocupados em checar a procedência das informações que recebem, o que torna ambiente virtual propício à disseminação das chamadas “fake news”.

Assim, faz-se necessária a atuação do Ministério da Educação, em parceria com a mídia, na educação da população — especialmente dos jovens, público mais atingido pela influência digital — acerca da necessidade do posicionamento crítico quanto ao conteúdo exposto e sugerido na internet. Isso deve ocorrer por meio da promoção de palestras, que, ao serem ministradas em escolas e universidades, orientem os brasileiros no sentido de buscar informação em fontes variadas, possibilitando a construção de senso crítico. Além disso, cabe às entidades em governamentais a elaboração de medidas que minimizem os efeitos das propagandas que visam incentivar o consumismo. Dessa forma, será possível tornar o meio virtual um ambiente mais seguro e democrático para a população brasileira.

Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf

- 1) De que fala o texto?
- 2) O que diz o texto?

- 3) Para que o texto é escrito?
- 4) **QUE EVIDÊNCIAS SUSTENTAM A TESE?**
- 5) O que é possível concluir?

EMPREGOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

Existem em nossa língua algumas palavras e expressões muito comuns, mas que, às vezes, oferecem dúvidas quanto ao seu correto emprego. Observe, a seguir, algumas delas.

Por que / Por quê / Porque / Porquê:

Por que deve ser grafado separadamente quando se trata de duas palavras: preposição **por** + pronome **que**. Assim, temos os seguintes casos:

1) quando equivale à **pelo qual** e variações, temos a preposição **por** seguida do pronome relativo **que**:

Ex.: Este é o ideal **por que** luto. (= **pelo qual**)

Essa é a profissão **por que** sempre ansiei. (= **pela qual**)

2) quando equivale a por qual razão, por qual motivo, trata-se da preposição **por** seguida do pronome interrogativo **que**:

Ex.: Por que seu amigo não veio à festa? (= Por qual razão)

Não sei por que ele faltou. (= por qual motivo)

Por quê: quando o pronome interrogativo se posiciona no final da frase ou aparece seguido de pausa forte, ele deve receber acento circunflexo:

Ex.: Seu amigo não veio **por quê?**

Ele não veio, não sei **por quê**.

Você reclama de tudo, **por quê**, meu filho?

Porque deve ser grafado numa só palavra quando se trata de uma **conjunção (explicativa)** equivalente a **uma vez que, visto que, pois** ou **para que**:

Ex.: Não fui à escola **porque** estava doente.

Feche a porta **porque** está ventando muito.

“Eu canto **porque** o instante existe e minha vida está completa.” (Cecília Meireles)

Porquê só deve ser empregado como **substantivo**. Nesse caso, aparece sempre antecedido de um determinante:

Ex.: Desconheço o **porquê** de tantas mentiras.

Não aceito os seus falsos **porquês**.

Mal / Mau:

Mau é **adjetivo**, antônimo de **bom**. Refere-se, portanto, a substantivos:

Ex.: Escolhemos um **mau** momento para viajar.

Indivíduo de **mau** caráter não merece confiança.

Mal

a) **advérbio de modo** – antônimo de bem

Ex.: Sua redação está bastante **mal** estruturada.

Ela é muito **mal**-educada.

Tudo não passou de um **mal**-entendido.

Essa menina sempre se comporta **mal** em público.

b) **conjunção subordinada temporal**– sinônimo de **assim que, quando**:

Ex.: **Mal** amanhece, muitos saem para o trabalho.

“**Mal** entrou em casa, tocou o telefone.” (Dalton Trevisan)

c) **substantivo** – nesse caso, deve ser precedido de artigo ou de outro determinante:

Ex.: “Maldita sejas pelo ideal perdido! Pelo **mal** que fizeste sem querer! Pelo amor que morreu sem ter nascido!” (Olavo Bilac)

Esse **mal** é difícil de curar.

A fim / afim:

A fim integra a locução **a fim de**, significando **com o objetivo de**.

Ex.: Estou na escola **a fim de** aprender mais.

Afim é adjetivo variável, significando **semelhante, que tem afinidade**.

Ex.: Sempre tivemos ideias **afins**. (= semelhantes)

Há ou a:

- Usa-se “há” quando o verbo “haver” é impessoal, tem sentido de “existir” e é conjugado na terceira pessoa do singular.

Exemplo: Há um modo mais fácil de fazer essa massa de bolo. Existe um modo mais fácil de fazer essa massa de bolo.

- Ainda como impessoal, o verbo “haver” é utilizado em expressões que indicam tempo decorrido, assim como o verbo “fazer”.

Exemplos: Há muito tempo não como esse bolo. Faz muito tempo que não como esse bolo. Logo, para identificarmos se utilizaremos o “a” ou “há” substituímos por “faz” nas expressões indicativas de tempo. Se a substituição não alterar o sentido real da frase, emprega-se “há”.

Exemplos: Há cinco anos não escutava uma música como essa. Substituindo por faz: Faz cinco anos que não escutava uma música como essa. • Quando não for possível a conjugação do verbo “haver” nem no sentido de “existir”, nem de “tempo decorrido”, então, emprega-se “a”. Exemplos: Daqui a pouco você poderá ir embora. Estamos a dez minutos de onde você está.

Disponível em:

http://grupoevolucao.com.br/livro/Portugues1/empegos_de_palavras_e_expresses.html



VAMOS RESUMIR?

- **Argumentação:** capacidade de relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de embasar determinado pensamento ou ideia.
- Um texto argumentativo sempre é feito visando um destinatário;
 - O objetivo desse tipo de texto é convencer, persuadir, levar o leitor a seguir uma linha de raciocínio e a concordar com ela;
 - O que é necessário para que a argumentação seja convincente?
 - Levar o leitor a um “beco sem saída”.
- A capacidade de desenvolver um texto bem argumentado é avaliada a partir de dois aspectos **estritamente relacionados**:
- Aspecto composicional do texto - cobrado na Competência II;
 - Aspecto configuracional (estratégias de persuasão) - cobrado na Competência III;
 - Em ambos os aspectos da argumentação, o texto, evidentemente, precisa ter **coerência**.
- **Competência II:** “Nessa redação, o participante deve evitar elaborar um texto de caráter apenas expositivo. É preciso apresentar um texto que expõe um aspecto relacionado ao tema, defendendo uma posição, uma tese” (Guia do participante, 2013, p. 13).
 - **Competência III:** o candidato deverá ser capaz de “selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista” (Guia do participante, 2013, p. 18).

- ✓ Qualquer aquisição do candidato na seleção e na organização das ideias deve estar direcionada para uma opinião central que será defendida;
- ✓ Essa opinião central é a própria tese;
- ✓ Os recursos utilizados para argumentação em favor de uma tese é aspecto essencial para a **Competência III**.

O desafio na **competência III** é a capacidade de argumentação, a demonstração do conhecimento técnico e a abordagem do tema com fundamentação clara e **OBJETIVA**.

DICAS!

1. Conhecimento adquirido – exemplos de referências, citações (não se trata de cópias de textos) ou alusões históricas; de livros, com autores, obras e personagens; de filmes, revelando título, ator; de músicas e seus autores – é a maneira mais segura de argumentar.
2. Enumerações, exemplos, dados comprobatórios, percentuais são importantes na argumentação.
3. Paralelos, comparações, contrastes entre consequências positivas e negativas - em contraposição, em contrapartida, por outro lado, de outro modo, sob outro aspecto, sob outra ótica.
4. Relações de causa e efeito – a ocupação de encostas (causa) tem provocado as mais terríveis tragédias em muitos lugares, a exemplo de... (consequência).
5. Não copie trechos dos TEXTOS DE APOIO.
6. Informe-se o máximo possível.
7. Não ignore posições contrárias à sua.
8. Crítica pela crítica, não dá!
9. Atacar algo ou alguém sem argumentação, também não!

Que tal?

- Evitar escrever frases soltas;
- Expressões vazias;
- Observar se em cada parágrafo está sendo desenvolvido um único tópico;
- Evitar “emaranhado” de ideias.



REFERÊNCIAS

ARDUINI, Juvenal. Homem libertação. In: SILVA, Francisco Antônio da. **Conjuntura de texto**. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2008, p. 41.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2013: guia do participante**. Brasília, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2019: cartilha do participante**. Brasília, 2019.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

GONZAGA, Elen de Sousa. A seleção e avaliação de argumentos. IN: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche, organizadoras. **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017, p. 173-181.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.

Sites consultados:

http://livrozilla.com/doc/449093/aula-1_disserta%C3%A7%C3%A3o

<http://auladeportuguesdaepca.blogspot.com/2016/2/organizacao-do-paragrafo-esta-postagem.html>

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/expor-ou-argumentar-tenha-em-mente-a-finalidade-de-sua-dissertacao.htm>

http://grupestudo.com.br/livro/Portugues1/empregos_de_palavras_e_expressoes.htm

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Aumento da expectativa de vida no Brasil: um desafio social e político**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

A expectativa de vida da população brasileira subiu três anos na última década. Os homens passaram de sessenta e seis para sessenta e nove anos e as mulheres de setenta para setenta e três anos de idade. Isto é o que aponta a Síntese de Indicadores Sociais divulgada pelo IBGE na última sexta-feira. Para o diretor do departamento de Ações Programáticas e Estratégias de Saúde do Ministério da Saúde, e presidente do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, José Luiz Telles, a tendência é aumentar cada vez mais a expectativa de vida do brasileiro. E ele explica o porquê. "Esse aumento vem em função, principalmente, do maior acesso da população idosa e não idosa aos serviços de educação e de saúde. Quanto mais educação a população tiver, maior possibilidade ela tem de acesso às informações e maior possibilidade tem de, não só se cuidar mais, mas de reivindicar os seus direitos. E a saúde é um ponto fundamental nesse processo, claro. As vacinas, os antibióticos, o tratamento em tempo de determinados agravos impede que a pessoa morra por causas evitáveis".

José Luis Telles, do Ministério da Saúde e presidente do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, destaca também que, com esse aumento na expectativa de vida, a preocupação agora é oferecer qualidade para que a população possa desfrutar da melhor forma possível esses anos a mais [...]. O diretor do departamento de Ações Programáticas e Estratégias de Saúde do Ministério da Saúde e presidente do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, José Luiz Telles, complementa afirmando que o Brasil, hoje, é exemplo para outros países no que diz respeito às políticas voltadas para a saúde da população.

O aumento na expectativa de vida, segundo Telles, é reflexo dos bons resultados alcançados com essas políticas. (Ministério da Saúde)

Disponível em: <http://www.douradosagora.com.br/noticias/ciencia-e-saude/levantamento-mostra-que-expectativa-de-vida-no-brasil-segue-em-aumento>

TEXTO II

Expectativa de vida dos brasileiros

O crescimento econômico do país, acesso à água tratada e esgoto, bem como aumento do consumo, foram alguns dos fatores que elevaram a expectativa de vida no Brasil. A expectativa de vida dos brasileiros aumentou. A esperança de vida dos brasileiros aumentou, isso segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Vários foram os fatores que propiciaram essa ascensão, dentre muitos, o crescimento econômico do país, acesso à água tratada e esgoto, aumento do consumo, entre outros. De acordo com o IBGE, a média de vida de um cidadão brasileiro é de 72,7 anos. Expectativa ou esperança de vida corresponde à quantidade de anos em

média que uma determinada população vive. Esse item é um importante indicador social que serve para avaliar a qualidade de vida de uma população de um determinado lugar. Apesar do aumento nos índices desse indicador social, o país ainda se encontra abaixo da realidade de muitos países desenvolvidos. O percentual médio do Brasil no quesito esperança de vida não reflete totalmente a realidade, muitas particularidades regionais são camufladas. Desse modo, temos diversos percentuais de expectativa de vida que oscilam de acordo com cada estado.

Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/expectativa-vida-dos-brasileiros.htm>

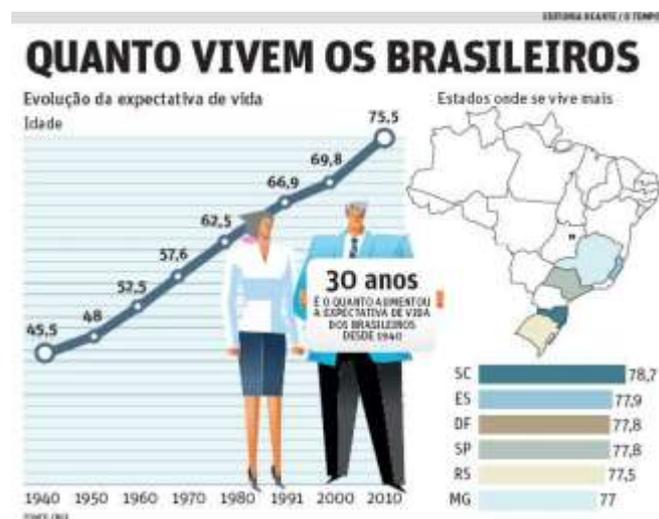
TEXTO III

Prefeito sanciona lei que muda símbolo do idoso em Rio Preto

Projeto de Maurin Ribeiro (PC do B) diz que atual símbolo, que mostra homem com espinha curvada, com uma bengala, não representa mais o idoso acima dos 60 anos; quem desrespeitar norma pode ser multado em no mínimo R\$ 2,2 mil.

Disponível em: <http://www.riopreto.sp.leg.br/noticias/prefeito-sanciona-lei-que-muda-simbolo-do-idoso-em-rio-preto>. Acesso em: 22 jun. 2018.

TEXTO IV



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/expectativa-de-vida-no-brasil-e-afetada-por-violencia-e-transito-1.1406733>

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- desrespeitar os direitos humanos.
- tiver 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada texto insuficiente.
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

FOLHA DE REDAÇÃO

Nome: _____

| Competências | Nível/Nota | Observações |
|--------------|------------|-------------|
| Comp. 1 | | |
| Comp. 2 | | |
| Comp. 3 | | |
| Comp. 4 | | |
| Comp. 5 | | |
| Total | | |

| | |
|-----|--|
| 1. | |
| 2. | |
| 3. | |
| 4. | |
| 5. | |
| 6. | |
| 7. | |
| 8. | |
| 9. | |
| 10. | |
| 11. | |
| 12. | |
| 13. | |
| 14. | |
| 15. | |
| 16. | |
| 17. | |
| 18. | |
| 19. | |
| 20. | |
| 21. | |
| 22. | |
| 23. | |
| 24. | |
| 25. | |
| 26. | |
| 27. | |
| 28. | |
| 29. | |
| 30. | |